

**Universidade Estadual Paulista Júlio Mesquita Filho – UNESP
Instituto de Artes – IA**

TAINÃ FILIPE ARAUJO

**BRANQUITUDE E CULTURA ANTIRRACISTA:
um debate sobre culturas euro hegemônicas no Brasil**

São Paulo
2023

TAINÃ FILIPE ARAUJO

**BRANQUITUDE E CULTURA ANTIRRACISTA:
um debate sobre culturas euro hegemônicas no Brasil**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista – UNESP, como parte dos requisitos para obtenção de grau de licenciado em Arte-Teatro.

Orientadora: Prof.^a Dra. Suely Master.

São Paulo
2023

Ficha catalográfica desenvolvida pelo Serviço de Biblioteca e Documentação do Instituto de Artes da Unesp. Dados fornecidos pelo autor.

A663b Araujo, Tainã Filipe, 1990-
Branquitude e cultura antirracista: um debate sobre
culturas euro hegemônicas / Tainã Filipe Araujo. – São
Paulo, 2023.

43 f.: il. color.

Orientadora: Profa. Dra. Suely Master
Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura Arte
Teatro) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita
Filho”, Instituto de Artes

1. Identidade racial. 2. Racismo - Brasil. 3. Relações
raciais. I. Master, Suely. II. Universidade Estadual Paulista,
Instituto de Artes. III. Título.

CDD 305.80098

Bibliotecária responsável: Mariana Borges Gasparino - CRB/8 7762

TAINÃ FILIPE ARAUJO

**BRANQUITUDE E CULTURA ANTIRRACISTA:
um debate sobre culturas euro hegemônicas no Brasil.**

Trabalho de conclusão de curso aprovado
como requisito parcial para obtenção do grau
de licenciado em Arte-Teatro no curso de
graduação em Arte-Teatro do Instituto de Artes
da Universidade Estadual Paulista – UNESP,
pela seguinte banca examinadora:

São Paulo, 02 de Fevereiro de 2023.

Prof.^a Dra. Suely Master

Prof.^a Dra. Gina Maria Monge Aguilar

AGRADECIMENTOS

À Profa. Dra. Suely Master, por aceitar este desafio.

Ao Instituto de Artes da Unesp e da Unicamp, representado na figura dos funcionários e docentes, onde tive a oportunidade de dar um importante passo ao meu crescimento científico e profissional.

Ao Prof. Me. Roque da Silva Araújo, meu pai, que prestou preciosas informações para a realização deste trabalho.

À minha mãe, Sra. Maria Aparecida Cruz, que sempre ouve minhas colocações e me incentiva a ir sempre além.

À minha amiga de longa data, Mariane de Souza, por seus apontamentos certos.

A todas as pessoas que participaram, contribuindo para realização deste trabalho, direta ou indiretamente, meu agradecimento.

“Ao perder o **medo** do feminismo negro, as pessoas privilegiadas perceberão que nossa luta é essencial e urgente, pois enquanto nós, mulheres negras, seguirmos sendo alvo de constantes ataques, a humanidade toda corre **perigo**”.

Djamile Ribeiro

RESUMO

Objetivo: Tem como objetivo esboçar um panorama histórico sobre o racismo, práticas antirracistas e assuntos que abordem temas sobre a branquitude a um grupo de alunos do 7º ano do ensino fundamental II em uma Escola Estadual na cidade de Osasco e debater esse tema na amplitude de suas consequências sociais e emocionais levando a refletir e criar condições para mudança de um paradigma histórico. **Método:** feito uma seleção de quatro autores mais revelantes sobre o tema como base teórica, a criação e elaboração, respectivamente, de uma disciplina eletiva, “BRANQUITUDE E CULTURA ANTIRRACISTA” e de uma apostila com textos e questões dissertativas e de múltipla escolha para nortear e avaliar o aprendizado. A disciplina teve uma carga horária de 30 horas, e foi oferecida duas aulas por semana de forma expositiva, com grupos de discussões, redações e recursos em audiovisual através de filmes correlatos ao tema. **Resultado:** a percepção dos jovens negros como negros, assim como a percepção do privilégio branco pelos alunos brancos, e de forma geral, quais são as atitudes racistas e como identificá-las. Além disso, foi nítido como esse tema acabou levando ao debate outras formas de discriminação que não somente a de raça/cor/etnia. **Conclusão:** preparar para o enfrentamento de situações racistas que os alunos negros podem vir a sofrer e para o aluno branco, o entendimento do mal que isso causa aos colegas negros.

Palavras-chave: Branquitude. Cultura Antirracista. Racismo.

ABSTRACT

Objective: It aims to outline a historical overview of racism, anti-racist practices and subjects that address topics about whiteness to a group of students in the 7th year of elementary school II at a State School in Osasco city and to discuss this topic in the breadth of its social and emotional consequences leading to reflection and creating conditions for changing a historical paradigm. **Method:** made a selection of four most relevant authors on the subject as a theoretical basis. I created an elective subject, “WHITENESS AND ANTI-RACIST CULTURE”, after approval by the pedagogical coordination, I prepared a booklet with texts and essay and multiple-choice questions to guide and evaluate learning. The discipline had a workload of 30 hours and was offered two classes a week in an expositive way, with discussion groups, essays and audiovisual through films related to the theme. **Result:** the perception of young blacks as black, as well as the perception of white privilege by white students, and in general, what are the racist attitudes and how to identify them. In addition, it was clear how this theme ended up leading to other forms of discrimination than just race/color//ethnicity. **Conclusion:** it was the preparation for facing racist situations that they may suffer and for the white student, the understanding of the harm that this causes to black colleagues.

Key Words: Whiteness. Anti-racist Culture. Racism.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO – REFLEXÕES SOBRE O PRIVILÉGIO BRANCO	9
2. CAPÍTULO I – Racismo no século XVI até o XIX	12
3. CAPÍTULO II – O processo de desconstrução do racismo no século XX	15
3.1. Aproximações e distanciamentos não apenas semânticos	16
4. CAPÍTULO III – Branqueamento	18
4.1. Narciso	19
4.2. Eco, reverberação de Narciso e defensora da branquitude	22
5. CAPÍTULO IV – Em sala de aula	24
6. CAPÍTULO V – Resultado	27
7. CAPÍTULO VI – Conclusão	29
REFERÊNCIAS	31
ANEXO I – Programa de Disciplina	32
ANEXO II – Culminância	36

1. INTRODUÇÃO – REFLEXÕES SOBRE O PRIVILÉGIO BRANCO

Não consigo identificar um momento exato que tenha me feito escolher trabalhar com esse tema, mas consigo mapear que o início do “escurecimento”¹ sobre toda a problemática que envolve as opressões cotidianas no Brasil iniciou em 2011 no Anglo Vestibulares onde pude ter o devido e coeso contato com assuntos pertinentes às ciências humanas e por ser aluno de escola pública, acabei não tendo acesso a um ensino mais complexo e precisei, em vias práticas, refazer todo o meu ensino médio nesse cursinho para conseguir ingressar na Unicamp em Artes Cênicas.

Nesse mesmo ano, tive, então, a oportunidade de começar a desconstruir a romantização que existe sobre “Europa e Estados Unidos VS América Latina e África” e compreendi – sucintamente – quais as linhas de poder foram usadas para estabelecer a “Cultura da Casa Grande” no Brasil e como isso nos afeta até hoje, assim como comecei a compreender todas as angústias sociais que eu tinha, mas me faltavam informações para dar a devida dimensão.

Diante do meu privilégio branco, passei a me questionar e a me deslocar intelectualmente desse lugar e a tentar entender como é a vida dos não-brancos brasileiros. Obviamente houve tropeços (e ainda há!), mas diante de todo esse arcabouço teórico pude compreender melhor a disciplina teórico-prática, “Danças do Brasil”, ministrada pela Prof.^a Dra. Grácia Maria Navarro, na Unicamp, e ter uma vivência prática sobre a negritude brasileira.

Dessa vivência estabelecida por um mergulho na religiosidade afro, suas danças, costumes e o sincretismo estabelecido com os outros povos que para cá vieram, saiu a vontade da turma de Artes Cênicas 2013 de dar prosseguimento ao assunto e desenvolvê-lo na peça “Sobre Marias e Mandingas”, baseada no livro “Do Amor e Outros Demônios”, de Gabriel García Márquez, obra que tem como pano de fundo a escravidão de negros africanos na América Espanhola e, já formado e iniciando a minha segunda graduação na Unesp, notei que

1 Muitas pessoas dos movimentos negros costumam usar o termo escurecer as coisas como um exercício de ressignificação e contraponto ao uso da palavra esclarecer. O ato, aparentemente simples, de reorganizar o modo como as palavras são ditas, provoca a criação de uma nova lógica que passará a relacionar a negritude a significados de potência, contribuindo para rompimento da associação da escuridão —e, consequentemente, da pele escura— aos símbolos de negatividade ou ausência de humanidade - Veja mais em <https://www.uol.com.br/vivabem/colunas/elania-francisca/2022/05/20/escurecendo-as-coisas.htm>

havia uma disciplina eletiva sobre questões raciais e, então, decidi me matricular e pude perceber que lá constava não apenas uma bibliografia sobre a história do samba, mas assuntos sobre racismo, branquitude e cultura antirracista.

Atualmente sou professor da Rede Estadual de Ensino e tive uma grata surpresa ao ser autorizado – pela coordenação da escola onde trabalho – a desenvolver uma disciplina que fale sobre cultura antirracista e branquitude para alunos entre 12 e 13 anos de idade.

Ao entrar na sala de aula pude ver um espaço desorganizado e com alunos jovens demais para se verem cientes de sua branquitude e negritude, mas afiados o bastante para fazerem discriminações, gerar polêmicas e se afastarem da possibilidade de construir uma sociedade com uma integração mais saudável, ou seja, as relações são pautadas entre palavrões, ofensas e ameaças das mais variadas.

Não acredito que apenas o poder aquisitivo em si seja capaz de suprir essas questões, mas, por outro lado, não é correto romantizar a pobreza e afirmar que uma pessoa mais pobre pode ser muito mais instruída que uma pessoa que teve acesso a uma formação escolar de qualidade, uma vez que é de fácil observação ver que na periferia de Osasco há muita violência, fruto da desigualdade social e uma marginalização estrutural que exclui o jovem de ter uma vivência mais ética e moral.

Dito isso, a falta de poder aquisitivo pode ser uma causa importante para afastar certos grupos da nossa sociedade e monopolizar os espaços de debate e conhecimento. Mas não me limitando apenas ao binômio pobre/rico, acredito que a precariedade sociocultural das famílias, a discriminação racial, a sexualidade e etc. influenciam negativamente a formação desses novos indivíduos. Então, não é estranho notar que em escolas periféricas o trato entre os alunos é muito mais agressivo, justamente pela realidade dos espaços marginalizados e oprimidos pelo Estado, pois muitos vivem em lares desajustados, com falta de respeito entre si e, portanto, agridem-se indiscriminadamente.

É revoltante ver como os alunos são habilidosos para se desrespeitarem diariamente. Impossibilitam-se de viver não só os seus direitos, mas viver sua própria infância, porque agressão gera instabilidade mental, angústia, tensão e ansiedade entre eles.

A despeito de toda essa pauta estrutural, ainda vejo a escola pública como um espaço de debate e de instrumentalização dos jovens da periferia, posto sermos seres sociais e é preciso ensinar esses jovens – o mais cedo possível – que é necessário conviver com as

diferenças sociais. É preciso ensinar caminhos para a sobrevivência desses alunos e como ensiná-los a serem cidadãos desconstruídos dos modelos de educação, conduta e filosofia neoliberal.

Ciente que a responsabilidade por tudo isso não é apenas do educador, mas também da família, da comunidade e religião, dos espaços de vivência pública e privada, não me coloco como o “professor-herói” que tem a missão de levar o saber e o conhecimento e remover a “perifa” da escuridão, mas me coloco como um ser imperfeito, nascido de uma sociedade imperfeita que tenta estabelecer novas artesanias do saber e propor um deslocamento do aluno sobre assuntos, que via de regra, são debatidos utilizando apenas o senso comum.

E desses mais de dez anos tendo contato com essa temática, escrevo esse trabalho e o apresento na expectativa de que mais pessoas possam ter acesso e que esse trabalho seja e sirva como um brevíssimo – mas importante – resumo de uma busca por melhoria de uma sociedade mais equitativa e justa.

2. CAPÍTULO I – Racismo no século XVI até o XIX

É muito comum que existam controvérsias sobre a etimologia do termo *raça*, como aponta o Dr. Silvio Luiz de Almeida². Mas sabe-se que essa palavra busca qualificar e classificar grupos humanos. Então convém entender que a noção de *raça* é um acontecimento da modernidade, que remonta o século XVI.

No século XVI algumas circunstâncias históricas são estabelecidas para o nascimento do termo “homem universal” e concomitante à nova visão social, temos a problemática da multiplicidade da condição humana.

Se por um lado, a definição de homem era dado a partir do pertencimento a uma dada comunidade ou religião, por outro lado, a expansão marítima e econômica trouxe tanto o Novo Mundo como uma nova visão “a partir da qual a cultura renascentista refletiria sobre a unidade e a multiplicidade da existência humana.” (ALMEIDA, 2017, p. 2).

O século XVIII e o projeto iluminista trouxeram o homem para o centro dos estudos científicos e passou a ser o principal objeto de estudo de uma construção de um novo saber filosófico:

O homem do esclarecimento não é mais apenas o sujeito cognoscente do século XVII, mas é, também *aquilo que se pode conhecer*. A novidade do iluminismo é o conhecimento que se funda na observação do homem em suas múltiplas facetas e *diferenças*, “enquanto ser vivo (biologia), que trabalha (economia), pensa (psicologia) e fala (linguística)”. (ALMEIDA, 2017, p. 2).

Academicamente falando, o iluminismo é a base das ferramentas de *comparação* e *classificação* dos mais diversos povos, a partir de vários prismas comportamentais, socioculturais e físicos. E é aí que surge a distinção filosófico-antropológica entre *civilizado* e *selvagem*, que posteriormente foi substituído, respectivamente, por *civilizado* e *primitivo*.

Durante esse período sócio-histórico, o que não faltaram foram exemplos desse processo de *desumanização*. Por exemplo, em 1875, a Revolução Haitiana contra a escravidão e a favor da liberdade e da igualdade universal, liderada por Toussaint Louverture (1743-1803), revelou no campo político toda uma contradição conjuntural do pensamento iluminista, logo, mostrou como a classificação dos seres vivos serviria mais como base e justificativa

2 Silvio Luiz de Almeida é um advogado, filósofo e professor universitário brasileiro, atual ministro dos Direitos Humanos e da Cidadania do Brasil

para o pensamento *Imperialista e Escravagista*. Para alguns escritores, como o holandês Cornelius Pawn (1739-1799), os povos indígenas eram degenerados, animais racionais, sem histórias e infelizes e o temperamento deles era lido como tão úmido quanto o ar e a terra onde vegetavam. E essa mesma visão de mundo pôde ser observada pelo filósofo Hegel (1770-1831) sobre os africanos também.

Todo esse arcabouço de adjetivações era a tônica comum do consciente coletivo do povo branco da época. Esse é, portanto, o início do processo discriminatório e das práticas de genocídios que perduram até os dias de hoje.

Permeados pelo pensamento positivista do século XIX, as indagações sobre as diferenças humanas tiveram um apontamento mais agudo no processo de *desumanização*. O homem deixou de ser um *objeto filosófico* e passou a ser um *objeto científico*. As próprias ciências naturais foram erroneamente utilizadas para alicerçar esse pensamento segregacionista. Ou seja, as “condições climáticas e/ou ambientais (determinismo geográfico) seriam capazes de explicar as diferenças morais, psicológicas e intelectuais entre as diferentes ‘raças’” (ALMEIDA, 2017, p. 3).

Passaram-se semanas. Jerônimo tomava agora, todas as manhãs, uma xícara de café bem grosso, à moda da Ritinha, e tragava dois dedos de parati “pra cortar a friagem”.

Uma transformação, lenta e profunda, operava-se nele, dia a dia, hora a hora, reviscerando-lhe o corpo e alando-lhe os sentidos, num trabalho misterioso e surdo de crisálida. A sua energia afrouxava lentamente: fazia-se contemplativo e amoroso. A vida americana e a natureza do Brasil patenteavam-lhe agora aspectos imprevistos e sedutores que o comoviam; esquecia-se dos seus primitivos sonhos de ambição, para idealizar felicidades novas, picantes e violentas; tornava-se liberal, imprevidente e franco, mais amigo de gastar que de guardar; adquiria desejos, tomava gosto aos prazeres, e volvia-se preguiçoso, resignando-se, vencido, às imposições do sol e do calor, muralha de fogo com que o espírito eternamente revoltado do último tamoio entrincheirou a pátria contra os conquistadores aventureiros.

E assim, pouco a pouco, se foram reformando todos os seus hábitos singelos de aldeão português: e Jerônimo abraçileirou-se. (AZEVEDO, 1999, p. 74).

Portanto, segundo o pensamento da época, aquilo que fugia e foge ao modelo de “homem universal”, que fugia e foge ao clima ideal, ao ambiente ideal e etc. foi e é um fator determinante para aquilo que dirigiu-se para o chamado comportamentos imorais, lascivos e violentos, assim como foi e ainda é um fator que determina a pouca inteligência. E disso vem o pensamento onde era necessário refrear a mistura de raças, segundo Arthur de Gobineaus

(1816-1882), porque dessa mistura vinha o “mulato”³ – termo extremamente pejorativo – e esse novo ser era mais predisposto a ter um comportamento degenerado. Essa visão acadêmica da época, hoje é chamada de racismo científico, fruto do (des)pensamento darwinista.

Diante de toda essa conjuntura da opressão e do esvaziamento sociopolítico, podemos destacar, no Brasil, dois signatários desse pensamento no século XIX: Sílvio Romero e Raimundo Nina Rodrigues, ambos famosos escritores, sendo que o primeiro também era advogado e o segundo, médico.

Foi nessa mesma época que o capitalismo teve sua primeira crise, em 1873. E levou grandes potências da época ao Imperialismo e, portanto, ao Colonialismo, que resultou na invasão e divisão do território africano em 1884, na Conferência de Berlim.

Para se sustentar, o pensamento imperialista valeu-se do discurso da *inferioridade racial dos povos colonizados* onde, segundo seus conceituadores, os povos das regiões ocupadas “estariam fadados à desorganização política, ao subdesenvolvimento e unicamente ao trabalho braçal” (ALMEIDA, 2017, p. 3).

Podemos inferir daí que o pensamento do “homem universal” partia dos seguintes pontos: 1) *raça como característica biológica*, em que a identidade racial será atribuída por algum traço físico, como a cor da pele; 2) *raça como característica étnico-cultural*, em que a identidade será associada à origem, à religião, à língua ou outros costumes. Surge então o *racismo cultural*⁴, denominado por Frantz Fanon.

3 O termo é considerado racista e pejorativo, por ter uma origem etimológica que compara os negros como mulas (animais de carga), fazendo uma associação animalesca e desumanizadora de negros escravizados trazidos ao Brasil.

4 FANON, Frantz. *Racismo e Cultura. Em defesa da revolução africana*, 1956.

3. CAPÍTULO II – O processo de desconstrução do racismo no século XX

Os antropólogos e os biólogos do século XX esforçaram-se para demonstrar a autonomia das culturas e como inexistem determinações biológicas capazes de traçar o destino de alguém pelo local de nascimento e o clima. Houve, portanto, uma ruptura com o pensamento determinista e hierarquizante da moral, da religião e dos sistemas políticos.

Não há mais base que sustente essa realidade natural e do “conceito de raça”. O que houve na Segunda Guerra Mundial, o genocídio do povo judeu e cigano pela Alemanha nazista reforçaram o seguinte fato: raça é um instrumento de controle político; sem relevante importância para o mundo material.

Além disso, podemos observar como o racismo se alastrou em países, como os Estados Unidos, por exemplo, onde até 1963 o Estado teve uma postura omissiva e comissiva com o seu regime de *apartheid* (uma combinação entre o racismo colonialista e nazista). Assim como, no Brasil, também tivemos um desinteresse no que se refere à situação dos negros, em primeiro lugar com a escravidão, depois com o “racismo científico” durante o período da República Velha e, a partir dos anos 1930, com o discurso da *democracia racial*, as políticas eugenistas de branqueamento, o incentivo da vinda de imigrantes brancos, a situação em que foram deixadas as pessoas escravizadas uma vez libertas, sem patrimônio para reconstruir sua vida e com um Estado omissivo na integração dessa população.

Tendo uma construção estrutural, o racismo também é apresentado como um processo histórico, ou seja, cada localidade possui sua especificidade dentro da dinâmica do processo de formação social daquela dada região. Portanto, apesar das semelhanças econômicas, do Estado e do direito (contornos sociais), cada povo possui sua própria forma de estabelecer o jogo entre as partes envolvidas. Assim sendo, a análise dos adjetivos biológicos ou culturais só são relevantes para o debate de raça e gênero quando no interior desses processos políticos há o estabelecimento de dominação e sujeição.

Contudo, apesar de todo o esforço de uma parte da biologia e da antropologia em provar e reafirmar constantemente que não existam diferenças biológicas ou culturais que justifiquem um dado traço de inteligência e um comportamento menos “civilizado” entre os povos, o fato é que o “conceito de raça” ainda é uma moeda política utilizada para naturalizar desigualdades, justificar segregações e genocídios.

3.1. Aproximações e distanciamentos não apenas semânticos

Afirmar que **preconceito**, **racismo** e **discriminação** falam da mesma coisa é apenas um ponto de partida. Assimilar que essas três palavras denotam um mesmo alvo é um válido avanço. Mas é um tiro no pé acreditar que desmembrá-las e dissecá-las em vários pedaços é preciosismo semântico.

Desmembrando e dissecando – então – uma análise sobre uma conduta racista, nota-se que isso se estabelece da seguinte maneira: de um lado há o grupo dos oprimidos e do outro, o grupo dos opressores; daqueles que estão em desvantagem e daqueles que estão desfrutando de algum privilégio, e, lógico, que tudo isso depende do grupo racial ao qual pertençam.

Como supracitado, há uma forte relação entre o racismo, o preconceito racial e a discriminação racial e apesar da uterina relação, o **preconceito racial** é o juízo que se faz acerca de um certo grupo racial baseado apenas nos estereótipos que lhes são imputados. Nesse contexto, os exemplos desses tipos de práticas são os de atribuir aos negros, por exemplo, os adjetivos de pessoas com pré disposição para a criminalidade e/ou que são preguiçosos; aos judeus que sempre vão apresentar algum comportamento avarento; e associar aptidões às ciências exatas aos povos orientais e etc...

A **discriminação racial**, por sua vez, é dar um tipo de tratamento diferenciado para um certo grupo racial identificado. A conclusão então é que esse tipo de violência é estabelecida pelo *poder*; “sem o qual não é possível atribuir vantagens ou desvantagens por conta da raça” (ALMEIDA, 2017, p. 6). Então a relação de *poder* é estabelecida de forma *direta* e *indireta*. A *discriminação direta* é a simples e direta afronta, o repúdio e a injúria motivados pela condição racial. E onde isso ocorre? Ocorre em entrevistas de emprego, quando sai de casa para comprar algo na rua, tentar entrar em um restaurante mais “bem frequentado” e em outras infinitas situações cotidianas que um branco certamente desconhece qual é a sensação do perigo e muitas vezes da impotência. Por sua vez, a *discriminação indireta* é um processo *intrageneracional*, onde a subjetividade de grupos minoritários – ou socialmente explorados – é desconsiderada ou é imposta uma neutralidade discursiva,

chamada de *colorblindness*⁵. Portanto, a consequência dessas práticas, ao longo do tempo, leva à *estratificação social*, na qual toda uma cadeia de ascensão social é afetada, seja ela material ou imaterial.

O **racismo**, é a materialização da discriminação racial, caracterizada pelo seu caráter *sistêmico*. Não se limita, pois, de atos isolados ou mesmo de um pequeno conjunto de atos isolados, mas de um método de *silenciamento* e *esvaziamento*, colocando a vítima num local de subalternidade e alocando, por outro lado, os privilégios diretos e indiretos que o povo branco conquistou mediante espólio, expropriação e usurpando espaços de poder na política, na economia e nas relações cotidianas. O racismo, com sua face mais cruel, pode levar à *segregação*, ou melhor dizendo, na *divisão espacial de raças* (apartheid), o que gera, no Brasil, por exemplo, bairros periféricos e isolados dos espaços de tomadas de decisões, em favelas e etc.

Importante frisar também o racismo enquanto ideologia, devido ao fato de que essa prática não existe sem vir acompanhada de um sistema de ideias que corroboram e lhe seja correspondente. A ideologia se apresenta no sentido de que é caracterizada como “um processo de produção e reprodução social da ‘consciência’ dos racistas e também dos indivíduos atingidos pela discriminação racial”. (ALMEIDA 2017, p. 10)

A prática racista não pode ser resguardada enquanto um sistema que se nutre apenas do irracionalismo. É evidente que a cultura folclórica, o “senso comum”, o gracejo, a piada e etc. apesar de serem importantes veiculadores desses comportamentos e propagadores – pois é através do imaginário social que se alimenta – é certo que tudo também foi engendrado pela elaborada filosofia do século XVIII e pela ciência do século XIX.

5 Termo em inglês que significa literalmente cegueira de cor. Mas dentro do debate racial, essa palavra faz referência a pessoas (especialmente brancas) que alegam não enxergar diferentes tons de cor de pele.

4. CAPÍTULO III – Branqueamento

O *processo de branqueamento* é associado a um problema que o negro, vítima do bombardeamento da imposição cultural euro hegemônica, tem com a sua própria imagem. Uma vez descontente com sua condição, procura identificar-se como branco e miscigenar-se com ele em busca de um “refinamento” das próprias características.

Mas desde que Jerônimo propendeu para ela, fascinando-a com a sua tranquila serenidade de animal bom e forte, o sangue da mestiça reclamou os seus direitos de apuração, e Rita preferiu no europeu o macho de raça superior. O cavouqueiro, pelo seu lado, cedendo às imposições mesológicas, enfiava a esposa, sua congênere, e queria a mulata, porque a mulata era o prazer, era a volúpia, era o fruto dourado e acre destes sertões americanos, onde a alma de Jerônimo aprendeu lascívia de macaco e onde seu corpo porejou o cheiro sensual dos bodes. (AZEVEDO, 1999, p. 131).

E nesse processo de *branqueamento*, o branco quase não aparece, exceto como *modelo padrão* de estética e beleza. O branco se torna alvo da inveja de grupos não-brancos, logo, pela lógica eugenista, menos humanos. No entanto, é a elite branca quem inventou e ainda mantém esse pensamento.

Colocando seu próprio grupo como padrão, o branco empodera-se e torna-se referência de toda uma espécie. E é a partir desse “homem universal” que há o fortalecimento dessa autoestima que se alimenta da degeneração social de outras pessoas não-brancas.

Uma vez que sua supremacia é enaltecida e legitimada, os não-brancos são marginalizados e sua identidade é solapada, sua autoestima é degenerada e toda a discriminação sofrida é usada como munição para culpar o negro pela própria mazela sofrida.

Quando questões surgem em debates sobre o racismo, o que se nota é quase como um acordo silencioso entre a parte branca que sempre se tangencia da discussão, em vez de se colocar como agente das desigualdades raciais do Brasil.

Tangenciar-se dos espaços de debates sobre o racismo é evitar discutir os pormenores dos privilégios. Afinal, mesmo desprovido de privilégios materiais, o branco dispõe dos privilégios simbólicos da brancura, o que representa muito por si só. Então, tentar explicar as diferenças raciais explorando apenas as classes sociais é diluir o debate sobre raça. Até porquê é muito fácil comparar a situação de trabalhadores negros e brancos e seus

pormenores em suas mais diversas dimensões, como vida, saúde, educação e trabalho. A cor que representa a pobreza no Brasil tem endereço explícito e qualquer um com um mínimo de informação é capaz de notar isso, só não nota pela conveniência. Em resumo, observar a classe social é importante, mas não se deve limitar toda essa problemática olhando apenas isso.

Na verdade, o legado da escravidão para o branco é um assunto que o país não quer discutir, pois os brancos saíram da escravidão com uma herança simbólica e concreta extremamente positiva, fruto da apropriação do trabalho de quatro séculos de outro grupo. Há benefícios concretos e simbólicos em se evitar caracterizar o lugar ocupado pelo branco na história do Brasil. Este silêncio e cegueira permitem não prestar contas, não compensar, não indenizar os negros: no final das contas, são interesses econômicos em jogo. Por essa razão, políticas compensatórias ou de ação afirmativa são taxadas de protecionistas, cuja meta é premiar a incompetência negra etc... etc... Como mostra Denise Jodelet (1989), políticas públicas direcionadas àqueles que foram excluídos de nossos mercados materiais ou simbólicos não são direitos, mas sim favores das elites dominantes.

Por outro lado, há benefícios simbólicos, pois qualquer grupo precisa de referenciais positivos sobre si próprio para manter a sua autoestima, o seu autoconceito, valorizando suas características e, dessa forma, fortalecendo o grupo. Então, é importante, tanto simbólica como concretamente, para os brancos, silenciar em torno do papel que ocuparam na situação de desigualdades raciais no Brasil. Este silêncio protege os interesses que estão em jogo. (BENTO, 2002, p. 3).

4.1. Narciso

O que explica pessoas com valores democráticos e igualitários a aceitarem injustiças que não incidem em seus pares ou que não são com eles? Narcisismo e indiferença seletiva.

Segundo Denise Jodelet (1989)⁶, há uma forte necessidade de pertencimento social, que se concretiza pela forte ligação emocional com um determinado grupo que podemos vir a pertencer por escolha ou não, que por sua vez leva a construção da própria identidade. Há um espelhamento entre esse “eu” e o grupo a qual pertencemos, que induz a resguardar seus valores. Portanto, protege-se o “grupo” e exclui os que não pertençam a ele.

Diante disso, essa exclusão é lida como um descompromisso político com aquilo que não nos afeta diretamente. Melhor dizendo, esses agentes da exclusão moral

6 JODELET, Denise. Os processos psicossociais da exclusão. In: SAWAIA, Bader (org.). As artimanhas da exclusão: a análise psicossocial e ética da desigualdade social. Petrópolis: Vozes, 1999.

compartilham entre si as características fundamentais, como a ausência, o descompromisso moral e o distanciamento psicológico, para com os excluídos.

Portanto, é a partir do descompromisso político que começa a desvalorização do outro e, em maior grau, a desvalorização como ser humano. “A exclusão moral pode assumir formas severas, como o genocídio; ou mais brandas, como a discriminação” (BENTO, 2002, p. 5).

Infere-se, pois, que o lugar do branco nas desigualdades sociais brasileiras têm um agudo componente narcísico e de autopreservação, afinal há um forte investimento na manutenção desse *status quo*, colocando o branco no espaço de “modelo a ser seguido”.

Enquanto o amor narcísico é a expressão do amor sobre si, o ódio narcísico é a expressão da aversão daquilo que é estranho e diferente. Sendo assim, foi o olhar europeu quem denominou e classificou os não-europeus em um algo diferente e muitas vezes ameaçador. Esse “Outro Eu” não-universal tem mais relação com o próprio europeu que com consigo próprio.

Correspondente ao dois processos – ter a si próprio como modelo e projetar sobre o outro as mazelas que não se é capaz de assumir, pois maculam o modelo – são maneiras que podem ser lidas, em certos contextos, como algo normal no desdobrar das pessoas. O primeiro está relacionado ao narcisismo e, o segundo, à projeção. Não obstante, na conjuntura das relações raciais, eles indicam um ângulo muito mais delicado e complexo, porque visam usar do discurso eugenista e darwinista a legitimação da superioridade de um grupo sobre o outro, e por conseguinte, geram as desigualdades, a apropriação indébita material e imaterial de todo um simbolismo e, claro, a manutenção dos privilégios adquiridos.

E o que sustenta as relações raciais no Brasil? O medo. “Esta forma de construção do *Outro* a partir de si mesmo, é uma forma de paranoia que traz em sua gênese o medo. O medo do diferente e, em alguma medida, o medo do semelhante a si próprio nas profundezas do inconsciente.” (BENTO, 2002, p. 7).

O ideal do branqueamento nasce do medo, e foi essa a forma encontrada pela elite branca brasileira do final do século XIX, para resolver o problema de um país ameaçador e predominantemente não-branco.

A materialização desse medo gerou uma política de imigração europeia por parte do Estado brasileiro, da qual o fruto foi trazer para o Brasil 3,99 milhões de imigrantes

europeus, em trinta anos, que equivale ao número de africanos (4 milhões) que foram traficados ao longo de três séculos. “Quando a civilização europeia entrou em contato com o negro, ... todo o mundo concordou: esses negros eram o princípio do mal... negro, o obscuro, a sombra, as trevas, a noite, os labirintos da terra, as profundezas abissais...” (FANON, 1980, p. 154).

Outro ponto destacado por Fanon (1980) expõe sobre o medo da sexualidade. A Igreja controlava muito a questão da sexualidade, portanto esse aspecto sexual era repudiado pelo europeu e projetado sobre o negro e as mulheres, provocando extermínio desses dois grupos ao longo dos séculos.

Já Jean Delumeau (1989)⁷, que estudou a história do medo no ocidente, em especial na Europa, afirma que as elites têm medo dos despossuídos, desde tempos imemoriais até os dias de hoje. A partir desse medo imemorial infere-se sobre “o grande medo gerado pelo negro, na elite branca brasileira, que não por coincidência tinha ascendência europeia, e que não por coincidência, na época, era protagonista de uma intensa importação das teorias raciais da Europa.” (BENTO, 2002, p. 8).

A cronologia europeia mostra claramente a relação entre a grande caça às bruxas, a batalha contra a peste negra e espólio e expropriação conduzida além-Atlântico contra povos indígenas e africanos, considerados pagãos. Não importa o que era perseguido, mas caçava-se o mesmo inimigo – Satã – e, obviamente, a justificativa para o massacre era o mesmo, assim como as condenações. Leis sobre perseguição contra mendigos foram postas em prática, espelhando o sentimento de medo que retirou a individualidade dos povos menos favorecidos da época.

Para exemplificar, em 1553, um estatuto determinou que mendigos sofreriam perseguições, depois transferidos para tribunais e, assim, fustigados até sangrar. Por fim, reenviados para os lugares de nascimento. Anteriormente, em 1547, foi aplicado um ato ainda mais severo, onde qualquer homem que ficasse mais de três dias sem trabalho seria marcado com ferro quente e depois entregue como servo ou para o denunciante ou para sua comuna de origem.

Trazendo a discussão para um momento mais próximo da nossa atualidade, o que o fascismo e o nazismo fizeram, foi cooptar a elite temerosa pelas perturbações sociais em

7 DELUMEAU, Jean. História do medo no Ocidente: 1300 – 1800, uma cidade sitiada. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

conjunto com a ruína da moeda e o medo do comunismo. Daí surge uma elite que se coloca como vítima e justifica, antecipadamente, suas ações de injustiças, imputando aos acusados toda a mazela que o mundo sofre, acreditando que ao exterminá-los, o mundo entrará em equilíbrio. Por causa disso surge o termo *Necropolítica*⁸, onde o Estado possui a “licença para matar” em prol de um discurso de ordem, como dito pelo teórico político, historiador e intelectual camaronês, Achille Mbembe (1957)⁹.

O fortalecimento desse processo fica mais visível, no Brasil, à medida que personagens incômodos politicamente surgem, como os *descamisados de Collor*, assim como os despossuídos, chamados de sem-terra, sem-teto, e muitos outros “sem”, que representavam o perigo e eram usados como meio para instigar nos possuidores de bens, o medo.

Assim, o medo e a projeção podem estar na gênese de processos de estigmatização de grupos que visam legitimar a perpetuação das desigualdades, a elaboração de políticas institucionais de exclusão e até de genocídio. Adorno e Horkheimer (1985) destacam que os mais poderosos impérios sempre consideram o vizinho mais fraco como uma ameaça insuportável, antes de cair sobre eles. Afirmam que o desejo obstinado de matar engendra a vítima; dessa forma ela se torna o perseguidor que força a legítima defesa. (BENTO, 2002, p. 10).

4.2. Eco, reverberação de Narciso e defensora da branquitude

Narciso era o homem mais bonito que havia pisado na Terra. Ele tinha um nariz perfeito, um queixo perfeito e um maxilar perfeito. Ele tinha um tronco, braços e pernas perfeitos. Agora responda: esse Narciso que você imaginou é branco ou negro? Se você imaginou uma pessoa branca, discutimos então hegemonia cultural.

Narciso então, sempre vivendo sua vida, tinha como costume desprezar qualquer pessoa que se apaixonasse por ele. Nêmesis, deusa da justiça ou da vingança, olhando incrédula toda aquela situação resolveu amaldiçoar Narciso. A maldição impõe a Narciso que ele só seria capaz de se apaixonar por alguém que o desprezasse.

Eco por sua vez – uma ninfa bela, jovem e cheia de sonhos – era muito visitada por Zeus. Hera, esposa de Zeus, ciente que ele era um homem infiel e autoritário, quando

8 Necropolítica é a capacidade de estabelecer parâmetros em que a submissão da vida pela morte está legitimada. Para Mbembe, a necropolítica não se dá só por uma instrumentalização da vida, mas também pela destruição dos corpos. Não é só deixar morrer, é fazer morrer também.

9 MBEMBE, Achille. *Crítica da Razão Negra*. Lisboa: Antígona, 2014.

descobre ou quando suspeita disso, desce à Terra e vai investigar onde Zeus está. Ao entrar onde as ninfas tomavam banho, Eco, que era muito tagarela, tentou inutilmente defender o amante e suas irmãs. Hera, sábia, percebeu que Eco tentava dissuadi-la conversando sem parar, resolve – tomada por ódio – punir Eco. Sua punição consistia em sempre repetir os últimos sons que ouvisse. Eco, triste e chateada com a situação, vai morar no fundo de uma caverna.

Um dia Eco vê Narciso passando próximo a caverna e se apaixona por ele. Como de costume, Narciso não dá importância para ela e vai beber água em um lago que ficava ali próximo. Ao que ele pensa: “Céus, que criatura bela! Me apaixonei!”. Quando Narciso, apaixonado por sua imagem refletida no lago, começou a conversar com seu amor – que não correspondera a esse sentimento, posto ser apenas uma imagem – perguntou: “Quem está aí?”. E ouviu de Eco: “Alguém aí?”. Então ele gritou novamente: “Por que foges de mim?”. E ouviu: “Foges de mim”. Até dizer: “Juntemo-nos aqui” e teve como resposta “juntemo-nos aqui”. Toda essa repetição acabou deixando Narciso angustiado por desejar amar algo que não poderia ver. Daí, Narciso, louco de amor e de angustia, tenta, em desespero, abraçar com volúpia o seu amor, cai no lago, se afoga e daquilo nasce a flor chamada narciso. Eco, por sua vez fica mais triste ainda e se isola novamente na caverna, porque não conseguiu alertá-lo, uma vez que estava sob a maldição de Hera.

“Talvez, os opressores não fossem tão fortes se não houvessem tantos cúmplices entre os oprimidos” (BEAUVOIR, 2015).

O que seria Eco então dentro do prisma da branquitude? Eco seria a reverberação que ocorre na mente dos brancos. Os hábitos brasileiros se comportam, então, como o eco daquilo que nunca nos pertenceu, posto sermos um povo formado majoritariamente por uma população negra. Ou seja, aquilo que nos foi (e ainda é) imposto durante o período colonial europeu – e aqui cabe citar os hábitos alimentares, a etiqueta, a religião e mais uma série de coisas – entra diretamente na metáfora do mito de formação de Eco e Narciso, onde somos ao mesmo tempo, narcísicos de nossa suposta branquitude e ecoamos um modelo de “homem universal” branco europeu¹⁰.

10 Um vídeo que aborda e esclarece essa questão pode ser encontrado: NARCISO E ECO. [S. l.: s. n.], 8 de out. de 2019. 1 vídeo (10:25 min). Publicado pelo canal Tempero Drag de Rita von Hunty. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=kz6HPpM4RyY>. Acesso em: 07 set. 2022.

5. CAPÍTULO IV – EM SALA DE AULA: Um diário pessoal

Terça-feira, 21 de junho de 2022. Essa foi a primeira vez que entrei numa sala de aula e a primeira vez que um aluno me chamou de professor. Os encontros aconteciam todas as terças-feiras, das 17h05 às 18h35, numa sala de 7º anos do Ensino Fundamental II. Os alunos, em sua maioria, tinham 13 anos e costumavam voltar agitados da Educação Física.

Me senti estranho por ser chamado de professor, mas não desconfortável com aquela sensação. A estranheza foi devida, certamente, a novidade de ocupar um antigo espaço, mas agora “do lado de cá do balcão” e a falta de desconforto foi pela agradável sensação de finalmente me ver onde sempre me imaginei estar.

E com essa falta de desconforto iniciei meu processo como professor e pude, como dito por Paulo Freire, a aprender com eles e eles a aprenderem comigo. A sala me recebeu bem e eu imagino que a boa recepção deu-se ao fato, de assim como eles, sermos alunos da periferia, onde – via de regra – sofre uma marginalização por parte do Estado, pelos professores, pares, demais funcionários e pela comunidade onde vivem, sem contar que muitos vêm de lares desajustados.

Como a minha formação é em teatro, sempre levo comigo que o diálogo e a escuta são excelentes aliados, mas os alunos estão mais acostumados a serem destratados pelos professores do que o contrário e pude perceber que alguns desses professores estão sobrecarregados e cansados de lidarem com toda essa controvérsia, bem como precisam constantemente apartarem brigas, discussões e muitos alunos agem de má-fé com o intuito de desestabilizar o professor emocionalmente e do mesmo lado da balança tem os docentes despreparados e que tiveram um ensino de baixa qualidade.

Isso é entendível, uma vez que a própria direção da escola não consegue tomar medidas pedagógicas para frear os abusos dos alunos e estabelecer um espaço, verdadeiramente, mais democrático. Portanto, senti que a princípio, mesmo sendo bem recebido, os alunos demoraram para acreditar no meu jeito de me relacionar com eles.

Ao longo do percurso acadêmico, pude notar que dar a eles uma lista de exercícios com questões de alternativas sobre a cultura antirracista foi um erro, porque teve muita cola e chute e os alunos concluíam suas atividades rápido demais. Diante disso, optei por gradativamente diminuir o número de questões de múltipla escolha para questões

dissertativas, rodas de conversa (prova oral), debate sobre filmes que expõem o racismo e a produção de uma redação reflexiva ao final do curso com o objetivo de avaliar a absorção de todo o conteúdo debatido.

Durante todo o semestre algumas coisas me surpreenderam mais do que imaginava, como, por exemplo, o comportamento de um aluno negro na minha aula: em casa, já com todas as atividades para corrigir, notei que o aluno não tinha entregado, e na semana seguinte solicitei que ele trouxesse a atividade que deixou em casa, mas acabou esquecendo. E com isso ele perdeu 3 semanas de atividades não feitas/entregues.

Precisei encaminhar o caso para a coordenação que o chamou para conversar no dia seguinte. Durante a conversa, a coordenadora colheu algumas informações sobre o aluno (onde mora, com quem mora e assim por diante) e ele acabou se abrindo conosco e disse que é criado pela avó, uma vez que o pai estava preso e a mãe não morava com ele. Depois de contar alguns fatos sobre a sua vida, o aluno, ouviu tanto o parecer da coordenadora como os meus apontamentos sobre sua conduta na classe. Por fim, o convidei a se dar uma chance e a participar da aula, uma vez que tudo aquilo que eu estava fazendo era para, em primeiro lugar, acolher e instrumentalizar alunos que viviam a mesma realidade dele e que não era por acaso eu ser o professor que escolheu – após a aprovação da gestão – aquela temática.

Certamente que ele não mudou da água para o vinho (e eu nem esperava por isso), mas seu comportamento começou a ficar mais tranquilo aula a aula. Concluído, então, o 4º Bimestre, ele foi para a turma de recuperação e durante a minha explicação pediu para ler a lousa, se engajou na produção de uma redação, tirou dúvidas e deixou sua criança sair e se permitir errar, perguntar e participar.

Acredito que ter acolhido a realidade dele, assim como tratá-lo com dignidade foi fundamental para trazê-lo à curiosidade do saber e é justamente essa falta de acolhimento aos alunos “problemáticos” que me incomoda. Vejo muitos professores aumentarem o tom, gritarem, exporem e até a ridicularizarem seus alunos para coagi-los às atividades em sala e apesar de ser difícil estabelecer essa relação entre a falta de motivação, indisciplina e aprendizagem defasada, é de fácil observação notar que um forte fator que leva o aluno a evasão é justamente a tratativa dada pelo docente: o frio olhar do julgamento e a falta de acolhimento é capaz de matar uma pessoa.

A principal variável considerada, segundo Álvaro Marchesi, para entender a desmotivação e a indisciplina é a baixa autoestima. E quando observamos que a família, a escola e a comunidade onde o aluno está inserido é incapaz de ampará-lo, criam-se ambientes para que ele largue de vez a aprendizagem escolar. É importante acentuar que o que subjaz o afastamento do educando ou a recusa da escola é expor que o seu comportamento é desviante e “não bem-vindo” dentro do espaço escolar, quando na verdade o correto seria abordar a questão de forma mais profunda, como a coordenadora fez, e tentar estabelecer aquele espaço como um local de acolhimento e escuta.

Diante dessa negação do acolhimento por parte da escola, a necessidade de pertencimento muda e o aluno agora nota que não é capaz de alcançar um contentamento acadêmica satisfatória e busca, muitas vezes por meio da indisciplina, encontrar-se com outros que sofrem do mesmo mal. Não devemos deixar de pontuar que além de uma família desajustada e uma comunidade marginalizada, muitos educandos também são vítimas de professores que conseguem destruir a autoestima deles usando da humilhação, *bullying* e exposição como munição para tentar conter a sala de aula.

[...] pode-se explicar a falta de motivação generalizada pela confluência de um conjunto de fatores: experiência seguida de fracasso, falta de confiança nas próprias possibilidades, atribuição do fracasso a causas externas e incontroladas, incapacidade para dirigir a própria conduta e uma avaliação por parte do aluno de que a manutenção da própria autoestima não se consegue mediante outro tipo de comportamentos. (COLL, MARCHESI, PALACIOS, p. 133).

6. CAPÍTULO V – Resultado

Como era esperado, o resultado não foi 100% de adesão dos alunos. Tive problemas de gestão em sala de aula, até por ter sido minha primeira experiência como professor e sem acompanhamento de um outro professor já formado, e tive problemas com algumas questões da gestão da escola e do próprio momento de Copa do Mundo que dispensava os alunos da aula, fora as emendas de feriados.

Mesmo com todos esses detalhes, tentei ao máximo manter uma cronologia da disciplina e sempre levava conteúdo novo para os alunos. Como dito anteriormente, por uma questão de praticidade avaliativa, optei por me preocupar mais em explicar do que cobrar produtividade dos alunos, então eles tinham sempre um texto de reforço e algumas questões de múltipla escolha para responder

Observando a conduta de alguns alunos em sala, pude perceber que deixar a turma em grupos, e mesmo trabalhar com questões fechadas, foi um erro, porque sempre tinha aquele aluno que resolvia tudo sozinho e os demais colegas apenas copiavam a resposta escrita e colavam a alternativa.

Passadas algumas semanas, optei por trabalhar apenas com questões dissertativas e, infelizmente, os alunos passaram a sentar em lugares previamente delimitados por mim e cada um em sua carteira. Sei, por obra da experiência em teatro, que o melhor é o aluno desenvolver sua capacidade de trabalhar em grupo e estar sempre em comunidade, mas também não é correto tapar os olhos para a realidade e fingir que enquanto alguns fazem outros apenas assinam o nome. Também foi necessário adotar uma conduta mais rígida (e não estúpida) com os alunos e usar da firmeza para manter a sala em ordem.

Os alunos se mostraram receptivos aos assuntos abordados e, via de regra, produziam respostas e redações com muita simplicidade e clareza sobre o que era pedido. Inclusive, uma vez, a pedido da sala, passei um filme. Eles queriam os clássicos filmes de terror, então selecionei “Corra”, dirigido por Jordan Peele, e eles tiveram seu momento de descanso e susto. Peele utiliza o filme de terror para expressar o medo e os inúmeros perigos a que um cidadão afro-americano está sujeito quando vive em um país no qual a sua vida continua sendo desvalorizada. Onde o racismo, discriminação e segregação racial, que fizeram parte de sua história, continuam sendo vivenciados diariamente.

Com conversas, bilhetes encaminhados aos pais, encontros com a coordenação pedagógica e com os responsáveis pude iniciar um processo de captação dos alunos mais complicados e descobri que o que acontecia em sala era espelho do que acontecia na casa deles. Diante disso, optei por manter uma linha mais compreensiva com esses alunos e trabalhar com o reforço em sala, ou seja, eram alunos que eu sentava ao lado para ajudar na atividade, chamava para conversar, fazia perguntas chaves sobre os conteúdos trabalhados e trazia ou propunha atividades diferenciadas para alunos que não tiveram uma alfabetização adequada. Desse modo saí do típico comportamento hegemônico em sala de aula e pude oferecer, diante do possível, uma adequação para cada perfil que eu tinha.

O sentimento de competência de uma pessoa está relacionada com o autoconceito, de tal modo que, quando as expectativas de eficácia do aluno são positivas, é altamente provável que se comprometa sem dificuldade na solução da tarefa proposta. Se o resultado é positivo, o aluno verá reforçado seu autoconceito e suas expectativas, o que levará a uma melhor disposição para a aprendizagem (COLL, MARCHESI, PALACIOS, & COLS, p. 134).

7. CAPÍTULO VI – Conclusão

Sendo ex-aluno de escola pública, sei como é complicado desenvolver algum trabalho mais aprofundado tanto por causa da problemática estrutural que permeia o ensino público, assim como pela baixa adesão e interesse dos alunos, pois está é uma dificuldade facilmente encontrada no dia a dia do professor, onde muitas vezes a presença do aluno na escola (especialmente quando falamos de estudantes do ensino médio) se justifica pela pressão dos pais, pelas normas da escola ou porque os alunos ainda não tiveram o encorajamento necessário para abandonar totalmente as salas de aula. Além disso, também é importante ressaltar que alguns deles podem vir de famílias que valorizam o trabalho em detrimento da formação acadêmica, ou seja, estão mais interessados (ou necessitados) de que o filho trabalhe mais e estude menos, pois os pais nunca viram tanto sentido no “excesso” de estudo ou aquele momento pede sacrifícios por motivações financeiras.

A despeito de toda essa questão – tanto pela problemática estrutural do ensino público paulista, como da periferia – na escola há uma equipe gestora que tenta colocar limites numa escola onde vários alunos vão para lá apenas para vender drogas, consumi-las, ou apenas para não ficar numa casa com pais e/ou responsáveis violentos.

Por outro lado, é nítido como, em muitos casos, há uma falta de visão da gestão, isto é, não existe um projeto comum, os professores não têm uma vinculação com a escola e não há seriação no ensino (cada professor trabalha o que quer, como quer e sem seguir uma cronologia escolar); a liderança é descentralizada (muito cacique para pouco indígena) e isso se reflete com uma diretora e três vezes diretoras que se deixam levar pela rotina e acabam se escondendo diante dos problemas burocráticos, que sempre existirão, gerando dano aos alunos que deveriam ser a prioridade da escola. Os professores sentem isso e as promessas e os compromissos acabam perdendo valor e leva, também, a uma perda de confiança. Sem contar a falta de desenvolvimento profissional dos professores que têm suas relações entre os alunos mais voltada para uma relação reativa, com pouca comunicação e, consequentemente, pouca confiança.

Assumo que antes de “estar do lado de cá do balcão”, eu julgava a qualidade dos professores da rede pública e questionava o motivo de tanta morosidade em sala de aula, desinteresse em passar um conteúdo com mais dificuldade e da escola de ter meios de

estabelecer e cumprir normas de organização para o bem-estar de todos. Mas agora noto que a escola que trabalho é vítima do amordaçamento do estado que a impede de dar suspensões e expulsões, a impede de reprovar alunos evadidos e os professores são orientados a passar atividades “para inglês ver” e a adulterarem as reais notas e presenças com o objetivo de seguir uma cartilha *psdebista* de aprovação seriada.

Dar aula para alunos do 7º ano foi um desafio grande. Ao longo do 2º semestre pude notar o avanço, dentro da temática proposta, de vários alunos e muitos começaram a se perceberem negros e participantes de um sistema que é indiferente às pessoas que moram no subúrbio. No final consegui que muitos absorvessem o conteúdo e isso se refletiu nas conversas em sala e nas respostas produzidas nas atividades, assim como nas redações. Por fim, o resultado que tiro desses dois bimestres de atividades escolares é que o professor tem que atuar como mediador de conflitos, quando na verdade, essa tarefa deveria ser da direção da escola e entendo que a causa raiz de muitos problemas enfrentados no cotidiano do Walter Negrelli não é a gestão, mas o Estado que se nega a dar provimento aos funcionários, os coloca em regiões e situações extremamente insalubres, não dão margem de ação, em situações difíceis, para os gestores e professores e isso gera toda uma problemática estrutural.

Diante disso, compreendo que há um sistema alimentado pela falência das relações sociais, que não pode ser denominada falência, uma vez que mesmo diante da fome, da violência urbana, da marginalização, da exploração e etc, se estabelece uma forma de lucro e de vantagem. Sendo assim, gostaria de deixar como finalização desse texto a seguinte questão: seria isso um projeto de governo, ou quem administra a pasta da Educação no Estado de São Paulo é inapto há quase 30 anos?

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio Luiz de. Racismo. In: Enciclopédia jurídica da PUC-SP. CAMPILONGO, Celso Fernandes (coord.); GONZAGA, Álvaro de Azevedo (coord.); FREIRE, André Luiz (coord.). São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2017. Tomo: Teoria Geral e Filosofia do Direito. Disponível em: <https://enciclopediajuridica.pucsp.br/verbete/92/edicao-1/racismo>. Acesso em: 08 fev. 2023.

AZEVEDO, Aluísio. O cortiço. São Paulo: Klick, 1999.

BEAUVOIR, Simone de. O segundo sexo. v. 2. Lisboa: Quetzal, 2015.

BENTO, Maria Aparecida Silva. Branqueamento e branquitude no Brasil
In: CARONE, Iray (org.); BENTO, Maria Aparecida Silva (org.). In: Psicologia do racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

FANON, Frantz. Conferência. Blog da Ubu Editora, São Paulo, [s.d.]. Transcrição e tradução para o português da conferência de Frantz Fanon no I Congresso Internacional de escritores e artistas negros, realizado em Paris no dia 20 de setembro de 1956, no Anfiteatro Descartes da Sorbonne. Disponível em: <https://circuito.ubueditora.com.br/i-congresso/>. Acesso em: 08 fev. 2023.

FANON, Frantz. Pele Negra, máscaras brancas. Rio de Janeiro: Fator, 1980.

MARCHESI, Álvaro. Os alunos com pouca motivação para aprender. In: COLL, César. et al. Desenvolvimento Psicológico e Educação: volume 3: Transtornos de Desenvolvimento e Necessidades Educativas Especiais. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.

ANEXO I – Programa de Disciplina

BRANQUITUDE E CULTURA ANTIRRACISTA

**UM DEBATE SOBRE CULTURAS EURO HEGEMÔNICAS
NO BRASIL**

por

TAINÃ F. ARAUJO

JUSTIFICATIVA

Este roteiro de ensino propõe a apresentação da disciplina **Branquitude e Cultura Antirracista**. Para tanto, será apresentada uma explicação sobre a disciplina, assim como o ano a que se destina e sua carga horária. Depois será apresentada a metodologia, com duração de um semestre, o conteúdo programático e o programa de disciplina.

A construção de uma sociedade menos racista passa pela sala de aula e é – mas não somente – na escola que os jovens precisam desconstruir paradigmas discriminatórios há muito estabelecidos em nossa sociedade e é imprescindível compreender quais os mecanismos estruturais e individuais que invisibilizam uma parcela minorizada da população brasileira.

SOBRE A DISCIPLINA

Colocar em perspectivas os novos paradigmas sobre o conceito de branquitude, cultura antirracista e suas implicações na realidade cotidiana para alunos do 7º ano. Como compreender e construir uma sociedade menos racista e culturalmente euro hegemônica e, também, reconhecer a importância da aceitação da nossa cultura afro-brasileira, local de fala, identificar e combater práticas racistas e dar luz aos privilégios hegemônicos da parcela branca da população.

Série:

Alunos do 7º Ano

Carga Horária:

6 meses (30 horas).

Duração:

De 21 de Junho até 20 de Dezembro

Oferecimento:

As terças-feiras das 17h05 as 18h35

PROGRAMA DE DISCIPLINA

1. IDENTIFICAÇÃO

CURSO: ELETIVAS

DISCIPLINA: **Branquitude e Cultura Antirracista**

CRÉDITOS: CARGA HORÁRIA: 30

OFERECIMENTO: 2º Semestre

PRÉ-REQUISITO: Não possui

PROFESSOR RESPONSÁVEL: **Tainã Filipe Araujo**

2. EMENTA

Informar e experienciar os alunos do 7º Ano do Ensino Fundamental II sobre o conceito de branquitude e abordar elementos essenciais da cultura antirracista.

3. OBJETIVOS

Desenvolver a capacidade do aluno de identificar e combater condutas racistas em ambientes diversos. Propor reflexões e atividades que possam permear o imaginário dos alunos e auxiliá-los no combate à perpetuação de uma cultura euro hegemônica.

4. CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

- Escrita e leitura de textos relacionados ao combate de práticas racistas, da percepção da branquitude e do aprofundamento sobre a cultura antirracista.
- Atividade em sala: resolução de lista mínima de exercícios com questões de múltipla escolha. Atividade para casa: resolução de lista complementar de exercícios com questões de múltipla escolha e questões abertas.
- Desenvolvimento e posterior apresentação de um diário relacionado ao tema da disciplina.

5. METODOLOGIA DE ENSINO

As aulas serão desenvolvidas de forma teórica e expositiva com o uso de elementos midiáticos, como vídeos relacionados ao tema. Na primeira dupla de aula, os alunos trabalharão a escrita de textos, explicação do que foi escrito e na segunda dupla de aula os alunos lerão textos de apoio e terão que resolver uma lista de exercícios. Em Novembro, mês da Consciência Negra, os alunos desenvolverão um diário sobre tudo que foi apresentado em sala de aula.

6. BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo. Enciclopédia jurídica da PUC-SP**. Celso Fernandes Campilongo, Alvaro de Azevedo Gonzaga e André Luiz Freire (coords.). 1. ed. São Paulo: PUC – SP, 2017. Disponível em:

<<https://enciclopediajuridica.pucsp.br/verbete/92/edicao-1/racismo>>

AZEVEDO, Aluísio. O Cortiço. São Paulo: Klick, 1999.

BENTO, Maria Aparecida Silva; **CARONE**, Iray. **Branqueamento e branquitude no Brasil In: Psicologia do racismo – estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

FANON, Frantz. **Racismos e Cultura. Em defesa da revolução africana**. Primeiro congresso dos Escritores e Artistas Negros. Paris, 1956.

_____. **Pele Negra, máscaras brancas.** Rio de Janeiro: Fator, 1980.
HUNTY, Rita Von. Narciso e Eco. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=kz6HPpM4RyY>>. Acesso em: 8 de out. 2019.

7. CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO

O aluno será avaliado pela sua frequência, pontualidade, participação, evolução na assimilação prática e teórica dos elementos que compõem essa disciplina, disponibilidade para superação de problemas, leituras, apresentação de tarefas e contribuição na produção e reflexão do trabalho final.

ANEXO II – Culminância

Abaixo é apresentado três redações produzidas por alunos negros no último dia de aula.

Tivemos uma conversa de encerramento, pontuei algumas explicações chaves sobre o racismo e a branquitude e solicitei que a classe escreve uma “Reflexão sobre a Consciência Negra” e a entregasse ao final da aula.

As redações tiveram o nome dos alunos apagados por uma questão de respeito e sigilo e primeiro será disponibilizado a imagem da redação e depois sua transcrição, conjuntamente com uma simples correção gramatical, para facilitar a leitura.

29 | 11 | 2022
 D S T Q Q S S
 D L M M J V S

Nome: [REDACTED] Turma: 7.º A [REDACTED]

Reflexão sobre a Consciência Negra

"Somos todos iguais". Não cada um tem sua diferença, pois os tem cabelos diferentes, cores diferentes, culturas diferentes, religiões diferentes e outras várias diferenças, ninguém sabe se de iria morrer, como seria seu rosto, sua face.

Pessoas negras são importantes para a sociedade brasileira existem vários lugares importantes, por exemplo o melhor jogador do mundo é o Pelé e ele é negro, cantores negros, médicos negros, e outras profissões, eu sou uma pessoa negra e quando eu vejo uma pessoa que também é negra e sofre/soube racismo, eu acho totalmente idiota a pessoa que praticou isso, me pergunto "Por que? existe isso, nós somos todos importantes, temos diferenças mas somos pessoas normais".

Não sou a favor do racismo, para resolver-lo deveremos respeitar uns aos outros, entender a diferença dos outros, a cultura, religião, o cabelo, todos temos o direito de chegar ao lugar que queremos, ser o que queremos, sem nenhuma barreira sem nenhum preconceito.

Prof. Tainã F. Araújo
Arte - Teatro

Reflexão sobre a Consciência Negra

“Somos todos iguais”. Não[,] cada um tem sua diferença, pessoas tem cabelos diferentes, cores diferentes, culturas diferentes, religiões diferentes e outras várias diferenças, ninguém sabe onde iria nascer, como seria seu rosto, sua face.

Pessoas negras são importantes para a sociedade brasileira[,] existem várias figuras importantes, por exemplo[,] o melhor jogador do mundo é o Pelé e ele é negro, cantores negros, médicos negros, e outras profissões, eu sou uma pessoa negra e quando eu vejo uma pessoa que também é negra e sofre/sofreu racismo, eu acho totalmente idiota a pessoa que praticou isso, me pergunto “Por que? existe isso, nós somos todos importantes, temos diferenças mais[mas] somos pessoas normais”.

Não sou a favor do racismo, para resolvê-lo deveremos respeitar uns aos outros, entender a diferença dos outros, a cultura, religião, o cabelo, todos temos o direito de chegar ao lugar que queremos, ser o que queremos, sem nenhuma barreira sem nenhum preconceito.

29/11/2022 7:00

Profª Tainã

Elétrica

Segundo o que eu entendi, as pessoas não são iguais e ninguém é melhor que ninguém e ninguém tem que ser ninguém por causa da sua cor, imagine você ser a pessoa e você fica sozinho e se junta com a pessoa e a pessoa não quer ficar perto de você, isso ia ser muito ruim para você não seria, e você também não pode chamar as pessoas de preto isso é racismo com as pessoas, para você fazer novos amigos você não pode chamar a pessoa de preto você tem que conversar com a pessoa e virar amigo dele pra ele não se sentir sozinho, e os negros foram escravizados até a morte, para ajudar nós, se não fosse eles agente não teria uma vida, por exemplo eles trabalhavam muito e nós temos uma vida muito boa, que eles também gostariam de ter e eles ficariam muito felizes se não fossem mais escravizados.

Os negros não eram escravizados por causa da sua cor, tem uns que fogem e acabam morrendo pelos síndicos, também tem uns que se matam porque não aguentava mais ser escravizado e também tem uns que trabalham até a morte. Eu não gosto disso eles deviam estar em casa com a família e não trabalhando.

Prof. Tainã F. Araújo
Arte - Texto

Eletiva

Segundo o que eu entendi, as pessoas não são iguais e ninguém é melhor que ninguém e ninguém tem que *soar* [caçoar] ninguém por causa da sua cor. Imagine você *soar* [caçoar] a pessoa e você fica sozinho e se junta com a pessoa e a pessoa não quer ficar perto de você. Isso ia ser muito ruim para você[,] não seria[?] E você também não pode chamar as pessoas de preto isso é racismo com as pessoas, para você fazer novas amizades você não pode *chingar* [xingar] a pessoa de preto[,] você tem que conversar com a pessoa e virar amigo dela pra ela não se sentir sozinho, e os negros foram escravizados até a morte, para ajudar nós, se não *foce* [fosse] eles *agente* [a gente] não teria essa vida, por exemplo[,] eles trabalhavam muito e nós temos uma vida muito boa, que eles também gostariam de ter e eles ficariam muito felizes se não *fossem* [fossem] mais *escravisados* [escravizados].

Os negros são [escravizados] por causa de sua cor, tem uns que fogem e acabam mortos pelos atiradores, também tem uns que se matam porque não aguentava mais ser [escravizado] e também tem uns que trabalhavam até a morte. Eu não gosto disso eles deviam estar em casa com a família e não trabalhando.

data
fecha

D	S	T	Q	Q	S	S
D	L	M	M	J	V	S

Nome: [REDACTED]

dt. 29/11/2022

Pela que eu li nas frases, eu concordo. Não somos todos iguais, talvez eu possa gostar de futebol, mas a outra pessoa não, e tá tudo bem! Não é porque ela (e) é diferente, tem uma cultura diferente, uma cor diferente, gostos diferentes que a pessoa tem que ser tratada com violência ou diferente. Todos nós temos que ser tratados com respeito, não importa se você não gosta da pessoa, todos nós devemos ser respeitados.

Não importa se a pessoa for bonita e tal, se a pessoa não tiver caráter a beleza dela (e) não vai valer de nada.

O preconceito está em todo lugar, então o problema está em quem é preconceituoso, ninguém tem que mudar só porque a pessoa não gosta do seu jeito que você tem que mudar para agradar os outros.

Prof. Tainã F. Araújo
Arte-Teatro

Pelo que eu li nas frases, eu concordo. Não somos todos *iguais* [iguais], talvez eu possa gostar de futebol, mas a outra pessoa não, e *tá* tudo bem! Não é porque ela(e) é diferente, tem uma cultura diferente, uma cor *diferent*, gostos diferentes que a pessoa tem que ser tratando [tratada] com violência ou diferente. Todos nós temos que ser tratados com respeito, não importa se você não gosta da pessoa, todos nós devemos ser respeitados.

Não importa se a pessoa for bonita e *tals*, se a pessoa não tiver caráter a beleza dela(e) não vai valer de nada.

O preconceito está em todo lugar, então o problema está em quem é preconceituoso, ninguém tem que mudar só porque a pessoa não gosta do seu jeito que você tem que mudar para agradar os outros.